



Núcleo Interdisciplinar de Estudos e  
Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

# Marx e o Marxismo 2011: teoria e prática

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 28/11/2011 a 01/12/2011

TÍTULO DO TRABALHO			
<b>O Uso da História Política em Diálogo com o Marxismo no Estudo das Instituições Partidos Comunistas</b>			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
<b>Heitor Cesar Ribeiro de Oliveira</b>	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	Unirio	Mestrando / História
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
<p>A renovação na história política abriu várias possibilidades para essa forma de historiar, que com essa nova abordagem voltou a ser um atrativo nas pesquisas pelo mundo. Para isso negou as enfadonhas histórias oficiais dos grandes “chefes” e incorporou contributos de outras ciências humanas, ampliando a gama de elementos analisados.</p> <p>Essa nova perspectiva ao se debruçar sobre as instituições políticas, vai para além das instituições formais como o Estado, englobando a sociedade civil, num entendimento mais complexo e rico do que é uma instituição.</p> <p>O método marxista entra em diálogo com a nova história política trazendo abordagens diferenciadas enriquecedoras das pesquisas historiográficas, fazendo que no estudo das instituições não se busque só a síntese, mas as contradições em processo, com seus mecanismos móveis e permanentes, gerais e específicos de cada momento histórico, bem como a relação dialética entre aspectos objetivos e subjetivos.</p> <p>A nova história política e o marxismo interagem potencializando-se com o estudo do tempo presente, onde novas fontes são vivas e em disputa permanente.</p> <p>Esse conjunto instrumental potencializa o estudo das instituições em construção constante. Aqui focar-se-á no Partido Comunista Brasileiro, entendendo-o enquanto “representação” de um segmento social e suas transformações sendo paralelas às da sociedade que busca transformar, mas também dialeticamente o condiciona, sendo necessário entender o processo de construção e transformação de sua cultura política em relação com a cultura política de seu meio.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Nova História Política; Marxismo; PCB			
ABSTRACT			
<p>The renewal of the political history opened a set of possibilities for this form to make history, with this new approach returned to be an attractive for the researches in the world. For this denied the vexed official histories of the great "leaders" and incorporated contributions from other human sciences, extending the range of elements analyzed.</p> <p>This new perspective by focusing on the political institutions, goes beyond the formal institutions like the State, encompassing civil society, in a more complex and rich understanding of what is an institution.</p> <p>The Marxist method enter into dialog with the new political history bringing different approaches to the historical research, making on the study of institutions not seek only synthesis, but the contradictions in the process, with its mobile and permanent mechanisms, general and specific to each historical moment, and the dialectical relationship between objective and subjective aspects.</p> <p>The new political history and Marxism interacts with potentiating the study of the present time, where new sources are alive and in a permanent dispute.</p> <p>This instrumental set empowers the study of institutions in constantly construction. Focus here will be the Brazilian Communist Party, perceiving it as a "representation" of a segment of society and its transformations being parallel to the society that seeks to transform, but also dialectically determines him, it is necessary to understand the process of construction and transformation of their political culture in relation to the political culture of their environment.</p>			
KEYWORDS			
New Political History; Marxism; PCB			

A renovação que se operou nos usos da história política nos últimos anos abriu um conjunto de possibilidades para essa forma de se fazer história, que estava um tanto quanto esquecida durante boa parte do Século XX, mas que diante dessa nova abordagem começou a voltar a ser um atrativo nos estudos e pesquisas em todo mundo.

Parte dessa renovação no uso da História Política se constituiu por uma reconsideração métodos de trabalho, objetivos, corpo teórico e interdisciplinaridade com outras ciências do campo das sociais.

Assim, dentro dessa nova proposta, vou destacar alguns elementos, tais como a necessária interdisciplinaridade, que não apenas dialoga como utiliza os ganhos de outras ciências, possibilitando não apenas novas óticas, como novos pressupostos, dessa maneira “(...) o historiador não pode ignorar, assim como não se pode desinteressar das conquistas da economia política, da demografia, da lingüística ou da psicanálise (...)”<sup>1</sup>

A concepção de História Política ganha mais amplitude, abarcando não apenas o Estado, o Rei, o Presidente, mas também as estratificações do Estado e das demais instituições na vida dos indivíduos em seus cotidianos, de grupamentos, de classes sociais e seus movimentos organizados (sindicatos, partidos, associações e etc.).

Ao perder seu caráter monolítico de História Oficial, a história política amplia seus domínios ao estudo das contradições em seus momentos de disputa. Dessa forma, “estamos no começo de uma história que se esforça no sentido de relacionar fragmentos de explicação no interior de uma interpretação total”.<sup>2</sup>

O diálogo da História Política com outras disciplinas somente será produtivo se compreendermos a política não como uma esfera autônoma, como a antiga História Política apregoava, mas compreender seu conjunto de relações, condicionantes, e laços que a ligam com varias esferas da historia, tais como Econômica, Social, cultural e etc..

Partindo dessa compreensão é possível compreender as nuances e as contradições em seus momentos de desenvolvimento. Os fatores influenciados, condicionados, as relações dos indivíduos e grupos sociais, bem como classes, fatores gerais conjunturais e mudanças no cotidiano. Buscar entender nesse rico momento de contradição elementos que se perderiam ou submergiriam numa analise somente das sínteses.

Essa contribuição do marxismo, de estudar o momento das contradições em seus processos potencializa o estudo da historia política, enriquecendo o entendimento não apenas dos fatores, como também dos atores políticos, de suas formações, de seus condicionamentos históricos, de

---

<sup>1</sup> JULLIARD, Jacques. *A Política* in: GOFF, Lê J. e NORA, Pierre (org.). *História: Novas Abordagens*. Editora Livraria Francisco Alves, 1988, P. 84

<sup>2</sup> JULLIARD, Jacques. *Idem*. P. 84.

seus elementos gerais e particularidades conjunturais. Assim, proponho abordar nesse trabalho algumas questões que dialogam com essa perspectiva, um conjunto de questões preliminares para lançarmos mão posteriormente do entendimento em si do objeto em questão, as instituições e em particular, os Partidos Comunistas.

A história, dentro da lógica marxista, consegue conceber de maneira unitária o complexo do desenvolvimento histórico, da natureza, da sociedade e do pensamento como um único processo em suas características gerais e particularidades de cada época, vinculado às suas condições históricas próprias. Conseguindo apreender a totalidade das relações (econômicas, sociais, políticas, culturais, etc.) que interagem na construção do todo histórico, em suas contradições e sínteses, combatendo a visão esquemática e simplória da história.

“Devemos ter presente, como lição para o historiador, a necessidade de combater – uma necessidade particularmente urgente hoje – qualquer história das idéias, das mentalidades ou das ciências fundada sobre a coerência ou filiações exclusivamente internas, formais, e não sobre a conexão entre ‘produção de pensamentos’ (qualquer que seja o seu tipo) e modificações nas relações da vida social e material. Em todo momento, na prática historiografia, e, sobretudo na filosofia, reaparece a ameaça de um tratamento autônomo dos fatos de pensamento: sob a aparência, freqüentemente, de grandes novidades, trata-se de um retorno às facilidades tradicionais”<sup>3</sup>

Ao se colocar o papel condicionante do grau de desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção, não se exclui o papel dos outros fatores, até pelo fato de que o materialismo marxista procura ver o homem não como um mero elemento subjetivo, mas entendê-lo como elemento ativo no processo histórico.

“O desenvolvimento político, jurídico, filosófico, religioso, literário, artístico, etc, baseia-se no desenvolvimento econômico, mas todos eles reagem, também, uns sobre os outros e sobre a infraestrutura econômica. Não se trata de que a situação econômica seja a causa, o único elemento ativo, e que o resto sejam efeitos puramente passivos. Há todo um jogo de ações e reações à base da necessidade econômica que, em última instância, termina sempre por impor-se (...). Não se pode dizer, pois, que a situação econômica exerce um efeito automático como às vezes se é levado a crer, por uma simples questão de comodidade. Não. São os próprios homens que fazem sua história, mas num determinado ambiente, de que são produtos, e tendo por base relações efetivas que encontram já em vigor.”<sup>4</sup>

Em outras palavras, devemos entender o campo econômico, as relações de produção e no estágio do desenvolvimento das forças produtivas, como o espaço onde se desenvolvem as condições com as quais serão efetuadas, e concomitantemente alteradas, as ações humanas. Ou seja,

---

<sup>3</sup> VILLAR, P. Marx e a História. In: HOBSBAWM, Eric (org). A História do Marxismo RJ, Paz e Terra. 1983. p. 107.

<sup>4</sup> Carta de Engels a Starkenburg. Londres, 25 de Janeiro de 1894. In: Marx e Engels. *Obras Escolhidas V: 3* Vitória. RJ. 1963. p. 299.

“contentemo-nos em que não se deva confundir a visão metodológica – materialista da história com um materialismo econômico (...)”.<sup>5</sup>

Não se trata de negarmos uma dialética própria de desenvolvimento desses campos (político, religioso, jurídico etc.), pois eles possuem, mas entendê-los não de maneira autônoma. Ou seja, o historiador deve combater a concepção de que “(...) apenas vê na história as ações políticas dos príncipes e do Estado, as lutas religiosas e as lutas teóricas em geral, e vê-se obrigada, especialmente, a compartilhar, em cada época histórica, a ilusão desta época”.<sup>6</sup>

A política de uma sociedade não é um mero elemento passivo do processo histórico, mas parte importante da disputa por hegemonia na sociedade. Entendendo por disputa de hegemonia não uma mera disputa por maioria parlamentar ou por maioria nos processos decisórios de uma sociedade, mas sim uma série de relações e interações que perpassam pela sociedade, seus grupos e segmentos (e em muitos casos não tão declaradamente exposto “quem é quem” nesse processo). Busco assim, conceituar a disputa por hegemonia pela visão gramsciana que a vê nos mínimos detalhes de uma construção social, uma disputa por hegemonia que se dá nas escolas, nas igrejas, no serviço militar, na relação familiar.<sup>7</sup>

Uma disputa mascarada pelo papel do Estado que se apresenta universalista e não, como um representante de um segmento social específico, se expandido do plano ideológico dos segmentos dominantes aos subalternos através de diversos mecanismos e espaços administrados pelo Estado.

No outro lado um segmento, o subalterno, que ao buscar sua sobrevivência, em vários momentos verá sua concepção de mundo, ideologia e construções mentais entrando em contradição com seu real estado objetivo na sociedade, vendo nas suas aspirações e lutas confrontarem com a visão em que foram educadas. Cria-se assim, uma serie de embates subjetivos nos segmentos subalternos da sociedade, que se choca com o mundo que julgavam existir. Essa contradição pode ser espontânea ou pode ser resultado de uma contra-construção empreendida por um grupo político ou por segmentos não afetados pelas condições objetivas que se encontram que limitaria sua visão de totalidade, por justamente desconstruí-la, lhe apresentado um mundo onde este se estranharia e não se identificaria enquanto pertencente a um segmento de interesses antagônicos aos interesses dominantes, se operando assim, uma disputa por uma contra-hegemonia<sup>8</sup>.

Quando se fala de um estudo sobre a política, não podemos perder de vista que se inclui não somente a política em sua dimensão macro (o Estado), mas também suas instituições, não apenas as oficiais do Estado, suas ramificações dentro da sociedade civil, como as próprias representações

---

<sup>5</sup> LJUNGDAL, Arnold. *A Visão de Mundo do Marxismo*. DF. Editora Alva, 2001. p. 128 e 132.

<sup>6</sup> MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. p. 60 e 61.

<sup>7</sup> Para melhor compreender essa discussão ver in: GRUPPI, Luciano. *O Conceito de Hegemonia em Gramsci*. Rio de Janeiro. Graal. 1991. págs. 67 a 68.

<sup>8</sup> GRUPPI, Luciano. *O Conceito de Hegemonia em Gramsci*. Rio de Janeiro. Graal. 1991. pág. 69.

desta e de seus seguimentos e suas classes. Devemos buscar no estudo político ampliar sua base de estudos limitada pela “História Oficial” e, assim como dialogar, confrontar seus diversos elementos.

No caso em questão, analisarei uma organização partidária enquanto “representação” de um segmento social e suas transformações em paralelo às transformações históricas em processo na sociedade.

De tal forma, não podemos estudar e analisar uma organização partidária desconectada de suas raízes objetivas, mas sim estudá-la em suas mediações entre a mesma e seus membros, sua realidade objetiva e suas subjetivações, seu projeto político articulado com sua ação no cotidiano. Entender tal organização como um proposto agente de transformação na sociedade e sujeita a essa sociedade que almeja modificar que a compõe e a condiciona, numa contínua relação dialética de mediações. Assim, é necessário entender o processo de construção e transformação de sua cultura política até o momento de sua ruptura em 1992.

Não é idéia reduzir o entendimento sobre o PCB a uma organização de caráter totalmente homogêneo, mas, mesmo diante dos dispositivos leninistas (centralismo, hierarquias, unidade de ação e etc.), com contradições, e estas espelhadas nas próprias contradições de projetos e formações da sociedade e do operariado.

Dessa forma podemos efetuar uma delimitação, num momento qualquer da história do Partido, e efetuar uma análise tendo como referencial a nova história política em diálogo com a história marxista.

Tendo como corte proposto o processo de influências da crise do socialismo do leste europeu, e em particular da URSS no debate interno do PCB, nos anos 1980, onde todo o modelo de organização, político, teórico e ideológico em que o PCB, enquanto PC se referenciava entrava em profunda crise. Como estudar e entender os elementos constitutivos desse modelo de organização, dessa instituição, em processo de ebulição e rápidas transformações.

O modelo de instituição que o PCB enquanto PC se referenciava e se constituía ao longo dos anos 1980 sofreu um conjunto de transformações, como conseqüências de um processo de reformas iniciadas na URSS pelo PCUS em sua nova direção, tendo a frente a figura de M. Gorbachev, que conduziram a URSS em menos de 10 anos a sofrer um rápido processo de desmonte. Todo esse processo influenciou e potencializou um já também processo de transformação que desenrolava no PCB no processo de redemocratização brasileira, assim, temos que entender um conjunto de instituições que se intercalam e relacionam-se interferindo e sofrendo interferências, umas sobre outras, em graus diferenciados, mas interagindo e modificando-as umas sobre outras.

Pela análise da nova história política em diálogo com o marxismo, podemos entender esse conjunto de instituições, com seus pressupostos permanentes e transitórios, com suas características gerais e particularidades de cada momento, bem como as influências umas sobre as outras (Brasil

em processo de redemocratização; URSS em processo de reformas; PCUS em debates organizativos e políticos; PCB em debates sobre suas possibilidades futuras de existências bem como seu projeto de intervenção no Brasil)

Esse desenvolvimento de contradições contidas nos processos de reformas que se operavam na URSS, influenciavam diretamente dentro do PCB, mas utilizando essa correlação de fatores, não se pode também ignorar as influências na mudança de rumo no interior do PCB para um caminho, digamos, mais democratizante, do processo de reabertura democrática, onde pela primeira vez, o PCB poderia gozar plenamente (com exceção dos anos 1946) da participação na vida político democrática nacional. Esse conjunto de reformas, tanto na URSS quanto no Brasil, e as influências no PCUS do processo de abertura oriunda da Glasnost potencializada pela abertura econômica, no PCB, enquanto partido oriundo da mesma matriz.

Dessa forma, com o avanço dos processos de reformas na URSS e no próprio PCUS, os reflexos se fortalecem, ora como legitimador de um autêntico processo de transformação no interior do PCB, justificado na nova realidade política brasileira, ora como potencializador dessas mudanças, sob a justificativa de preparar um novo instrumental político para um novo mundo que começava a emergir do colapso dos regimes socialistas do leste europeu, e em destaque da URSS.

Dessa forma, busco como ponto referencial, o processo do IX Congresso Nacional do PCB, convocado para final de maio e início de junho de 1991. Nesse Congresso, um dos pontos de pauta foi o futuro do socialismo diante do colapso dos regimes do Leste Europeu e a adequação do PCB às novas demandas advindas de um mundo não mais polarizado entre Socialistas e os Capitalistas.

Outra característica marcante desse Congresso em relação aos que o antecederam, foi a inauguração da proporcionalidade na composição da Direção. Ou seja, esse foi o primeiro Congresso do PCB que possuiu chapas para a Direção (um total de três) que, de acordo com sua votação, indicaria membros em proporção igual para a composição da Direção Nacional.

Assim, é preciso entender o processo de ruptura iniciado com uma forte crise interna ecoada de maneira mais nítida no IX Congresso, em 1991, e na reorganização “Pecebista” pós-ruptura.

A instituição político – partidária PCB tem seus moldes estruturados sob as diretrizes da III Internacional, ou seja, fundada sob a inspiração da revolução bolchevique de 1917. Sua origem e modelo são espelhados no Partido Bolchevique que é a matriz política, ideologia e organizativa dos PCs. Trabalhando o momento da crise e, posteriormente, a queda dos regimes socialistas vinculados a essa matriz do marxismo, vê-se a geração de uma crise de identidade e do próprio modelo de cultura política hegemônico na esquerda do século XX.

Importante análise feita sobre esse contexto, se encontram nas obras do Professor Doutor Antonio Carlos Mazzeo, onde procuro embasar em suas obras “Sinfonia Inacabada” e “Sociologia Política Marxista”, onde procuro entender como o modelo de organização entrou em crise. O autor

sustenta sua análise da crise do socialismo na estagnação do instrumental teórico analítico dos PCs e na conseqüente burocratização dos regimes socialistas, em um momento que ele denomina de “crise da via stalinista de construção do socialismo”. Mazzeo analisa também a influência, no PCB, da teoria da reestruturação produtiva do capitalismo no Brasil e da remodelação da classe operária, inclusive com a criação de novos instrumentos de lutas dos trabalhadores, como a Central Única dos Trabalhadores (CUT).

Esse é um importante ganho da nova História Política, o trabalho da interdisciplinaridade, onde ganhos de ciências tais como sociologia, ciências políticas, fortalecem e possibilitam novas abordagens pela própria história.

Ainda sobre o PCB, é importante entender a “evolução” da linha política desenvolvida pelo Partido e suas conexões com a gradativa mudança na correlação de forças interna. Para Raimundo Santos, em seu “Pecebismo Inconcluso”, essa mudança pode ser observada a partir 1958, com a “Declaração de Março”, até o X Congresso, em 1992.

Não é pretensão desse artigo passar por todo o conjunto de formulações do PCB, tais como investigar os anos 1950 nem o contexto político que influenciaram a Declaração de Março de 1958. Mas apenas para entender como múltiplos fatores, dialogaram ao longo da formulação política, do PCB e como devemos buscar fugir de respostas simples ou visões simplistas sobre um Partido Político, que é uma instituição bastante complexa. Delimitarei suas influências mais recentes, tais como a linha política adotada após a volta do exílio, em 1979, de vários membros do Comitê Central, a aposta na saída democrática da crise política brasileira e a luta interna que se trava desde então, culminando no rompimento de Luis Carlos Prestes com o PCB. Ao abrir diálogo com esses momentos, o intuito é compreender um processo que se desenvolve de maneira mais aguda no fim dos anos de 1980 e início dos anos 1990. Esse diálogo se justifica, pois esses momentos influenciaram de maneira condicionante nos rumos que a luta interna do PCB tomaria na segunda metade da década de 1980, vindo a se somar e relacionar com as crises políticas dos regimes socialistas do Leste Europeu.

Por se tratar de uma organização comunista referenciada no marxismo, e este enquanto uma ideologia que se propõe universal cujos laços internacionais são em muitos momentos determinantes, torna-se impossível dar conta da “evolução” do PCB no cenário político brasileiro sem relacioná-la aos acontecimentos mundiais. Assim, justifico o necessário diálogo entre PCB e PCUS, entre a realidade brasileira e da URSS, da relação suas influências na construção da cultura política e da própria crise deste modelo de organização. O presente artigo procura contextualizar o momento de derrocada dos regimes socialistas do Leste Europeu e suas conseqüentes influências no Movimento Comunista Internacional. busco nas contradições geradas pelo regime a raiz de sua crise. Ainda sobre a contextualização política desse período, uma importante análise é feita por

Hobsbawm em sua “Era dos Extremos”, onde analisa todo o processo de crise do socialismo e suas conseqüências na geopolítica internacional.

Outro autor importante na busca dos entendimentos sobre esse processo de transformações, crises e reformas é o britânico Perry Anderson que faz a análise de algumas generalizações teóricas e “inovações” advindas de interpretações da obra de Antonio Gramsci<sup>9</sup>, principalmente o que se refere ao processo de “endireitamento” de algumas organizações comunistas no ocidente<sup>10</sup>. O que ajuda a compreender o processo interno do PCB.

O processo de fim das experiências referenciadas na Revolução Bolchevique de 1917 é analisado no momento de turbulências políticas por vários autores, uns marxistas como Hobsbawm<sup>11</sup>; outros não como Bobbio<sup>12</sup>, na obra organizada por Robin Blackburn “Depois da Queda: O fracasso do comunismo e o futuro do socialismo”. A obra levanta discussões importantes, tais como o Fim da História, o Fim do Socialismo e o Fim do Mundo Bi polarizado.

Assim, utilizando elementos da historia, das ciências políticas, sociologia, busco entender um partido em processo de intensa modificação, no caso um Partido Comunista, inserido num contexto de profundas modificações, onde a sua própria existência se torna, pela primeira vez em sua historia, alvo de questionamento.

A Nova Historia Política possibilita esse importante e fecundo dialogo entre ganhos de diversas ciências, a possibilidade de ampliar a base de estudos para além das formais instituições e das não menos formais, entendimento sobre as instituições, em dialogo com o marxismo, que apresenta esse importante acréscimo, de estudar os processos em suas contradições, não somente nas grandes sínteses, mas entender o conjunto de elementos que dialogam no desenvolvimento dos processos, possibilita esse grande ganho para a ciência da historia.

Dessa forma, um objeto em seu corte histórico compreendido no processo de transformação das experiências socialistas do século XX, bem como de seus colapsos, nos anos 1980 e 1990, no Brasil, com impactos tais como a fundação de um novo Partido, e a reorganização sobre novas bases do velho PCB

Analiso o período na qual foi gerada no interior do PCB a formulação da nova “Forma Partido”, a necessidade de se transformar profundamente a organização comunista brasileira em algo capaz de acompanhar a “evolução” das sociedades, como defendiam seus idealizadores, e a

---

<sup>9</sup> ANDERSON, Perry. *Afinidades Seletivas*. São Paulo, Boitempo, 2002.

<sup>10</sup> No caso em questão, principalmente o PC Italiano e Francês (eurocomunistas) que muito influenciaram o PCB na década de 1980.

<sup>11</sup> Ver “Adeus a Tudo Aquilo” Eric Hobsbawm in: BLACKBURN, Robin. (Org.). *Depois da Queda: O Fracasso do Comunismo e o Futuro de Socialismo*. São Paulo, Paz e Terra, 2005.

<sup>12</sup> “Ver O Reverso da Utopia” de Norberto Bobbio in: BLACKBURN, Robin. (Org.). *Depois da Queda: O Fracasso do Comunismo e o Futuro de Socialismo*. São Paulo, Paz e Terra, 2005.



lógica da resistência às “modernizações” em torno do Movimento Nacional em Defesa do PCB, que não assumiam, enquanto modelo, o que era o PCB do momento, mas buscavam sua reorganização.

“Companheiros: nos chamam de conservadores, mas nós queremos mudar este Partido. A bandeira da mudança do Partido está conosco porque nós ficaremos nele. Vocês não vão mudar. Vocês vão criar outro! Nós vamos mudar o Partido para ele voltar a ser um Partido Revolucionário, um Partido Internacionalista!”<sup>13</sup>

Pretendo assim, discutir os impactos tanto da crise do chamado socialismo real, quanto do “receituário” neoliberal (na esfera institucional/ eleitoral e nas implicações sobre os movimentos sociais)<sup>14</sup> nas organizações comunistas e suas posturas diante da ausência de uma polarização internacional ao projeto capitalista. O momento do X Congresso Extraordinário do PCB, em janeiro de 1992, foi o espaço da cisão entre os dois principais segmentos que disputavam o Partido. Ainda no próprio espaço do Congresso foram fundados o PPS e o Movimento de Reorganização do PCB. Este Movimento rompe com o Congresso e organiza, em paralelo, uma Conferência e realiza no ano seguinte, 1993, outro X Congresso do PCB, visando a reorganização nacional do PCB, então com a sigla PC (Partido Comunista). Mais tarde os comunistas reorganizados no PC ganhariam na justiça o direito ao nome de Partido Comunista Brasileiro e da sigla PCB.

### **Bibliografia utilizada**

ANDERSON, Perry. *Afinidades Seletivas*. São Paulo, Boitempo, 2002.

BLACKBURN, Robin. (Org.). *Depois da Queda: O Fracasso do Comunismo e o Futuro de Socialismo*. São Paulo, Paz e Terra, 2005.

BOFFA, Giuseppe. *Depois de Kruschev*. RJ, Civilização Brasileira, 1967.

BUARQUE, C. *O Colapso da Modernidade Brasileira e Uma Proposta Alternativa*. SP, Paz e Terra, 1991.

GOFF, Lê J. e NORA, Pierre (org.). *História: Novas Abordagens*. Editora Livraria Francisco Alves, 1988.

GORBATCHEV, M. *Perestroika, Novas Idéias para o Meu País e Para o Mundo*. SP, Best Seller, 1987.

---

<sup>13</sup> Ver transcrição da Intervenção de Ivan Pinheiro no “Congresso do racha”: X Congresso Extraordinário do PCB 1992 em São Paulo em: ROEDEL, Hiran. *Atitude Subversiva: Biografia de Ivan Pinheiro*. Fundação Dinarco Reis. Rio de Janeiro, 2000. p. 108 a 110.

<sup>14</sup> Trabalhar esse “novo” elemento, o neoliberalismo. Muito bem exposto em “O Neoliberalismo” de Nelson Werneck Sodré. Que possui como objetivo “desmascarar” o discurso de modernidade embutida nas diretrizes neoliberal.

- GRUPPI, Luciano. *O Conceito de Hegemonia em Gramsci*. Rio de Janeiro. Graal. 1991.
- HOBSBAWM, Eric (org). *A História do Marxismo Volume I* RJ, Paz e Terra. 1983.
- \_\_\_\_\_. *Sobre História*. SP, Companhia das Letras, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Era dos Extremos*. SP, Companhia das Letras. 2003.
- IASI, M. *As Metamorfoses da Consciência de Classe*. SP, Expressão Popular, 2006.
- KONDER, Leandro. *A Derrota da Dialética*. RJ, Campos, 1988.
- \_\_\_\_\_. *A Democracia e os Comunistas no Brasil*. RJ, Graal, 1980.
- LJUNGDAL, Arnold. *A Visão de Mundo do Marxismo*. DF. Editora Alva, 2001.
- LOSURDO, D. *Fuga da História*. RJ, Revan, 1998.
- MALINA, S. *O Socialismo em Renovação*. SP, Novos Rumos, 1989.
- MARX, K e ENGELS, F. *Obras Escolhidas V: 3* Vitória. RJ. 1963.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. Rio de Janeiro, RJ, Civilização Brasileira, 2007
- MAZZEO, A. C. *Sociologia Política Marxista*. SP, Cortez, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Sinfonia Inacabada*. SP, Boitempo, 1999.
- REMOND, René (org.). *Por Uma História Política* 2ª Edição. Rio de Janeiro, RJ, Editora FGV, 2003
- ROEDEL, Hiran, (Outros). *PCB, 80 anos de Luta*. RJ, FDR, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Atitude Subversiva: Biografia de Ivan Pinheiro*. Fundação Dinarco Reis. Rio de Janeiro, 2000.
- SANTOS R.. *O Pecebismo inconcluso*. RJ, Universidade Rural, 1992.
- SEGATTO, José A. *Breve História do PCB*. SP, Editora Ciências Humanas, 1981.
- SODRE, N. W. *A Farsa do Neoliberalismo*. RJ, Graphia, 1995.